

O advérbio de lugar em Romances Épicos e Históricos da Tradição Oral Moderna Portuguesa: para o estudo das estruturas de localização.

Natália Albino Pires
Escola Superior de Educação de Coimbra/CEIL

1 – Nota introdutória

Muito embora tenham sido dados à estampa alguns, ainda que parcos, estudos sobre as especificidades da linguagem do género literário Romanceiro, constatamos que esses estudos se debruçam maioritariamente sobre aspectos como a presença e a importância das fórmulas, as inversões da ordem linear dos itens lexicais nas frases, a maior frequência de diálogo em detrimento da narração, as alternâncias de tempos verbais e o estilo. Na realidade, o estudo de aspectos relacionados com as estruturas de localização, em particular os advérbios e as locuções adverbiais de lugar, tem sido, até ao momento e que saibamos, preterido a favor do estudo das estruturas verbais simples e do estudo das estruturas formulísticas.¹

Se bem que a classe dos advérbios não é, em termos percentuais, a que ocorre maioritariamente no romanceiro da tradição oral moderna portuguesa,² destaca-se, primeiro, pelo facto de nem todos os advérbios ou locuções adverbiais da língua portuguesa ocorrerem com a mesma frequência nos romances, em particular nos romances épicos e históricos e, segundo, pelo facto de o número de ocorrências de formas adverbiais suplantar o número de ocorrências de formas adjectivais.³

Assim, seguidamente analisaremos as estruturas de localização, em particular os advérbios e locuções adverbiais de lugar, em doze romances épicos e históricos da tradição oral moderna portuguesa, num total de 65 textos, procurando, sempre que possível, comparar as estruturas locativas dos textos modernos com as dos textos antigos.

¹ Poucos são também os estudos específicos sobre a classe dos Nomes no romanceiro, salientando-se o estudo de Webber que, de forma abreviada, analisa a escassez de nomes próprios no romanceiro da tradição oral moderna.

² No âmbito de um estudo mais alargado sobre o léxico de um *corpus* de 1.721 textos, constituído por versões de romances da tradição oral moderna portuguesa editados entre 1828 e 1960 com um total de 437.156 palavras, constatámos que o número de ocorrências de advérbios e respectivas locuções adverbiais é de 26.572, dos quais 7.029 são advérbios ou locuções adverbiais de lugar, 8.270 são advérbios de negação e 5.141 advérbios de tempo, distribuindo-se pelas outras subclasses do advérbio as restantes 6.132 ocorrências de formas adverbiais.

³ No *corpus* que estudámos, e que referimos na nota anterior, ocorrem apenas 11.234 formas adjectivais frente a 26.572 formas adverbiais. No cômputo das formas adjectivais não entram as formas participiais por serem formas ambíguas que tanto podem desempenhar função verbal como adjectival tal como defende Abaitúa (1991).

Propomo-nos, então, estudar os seguintes romances:⁴ “As Queixas de Ximena” (IGR⁵ 0001); “As Queixas de D. Urraca” (IGR 0004); “Morte do Príncipe D. João” (IGR 0006); “D. Julião” (IGR 0018); “Penitência do Rei D. Rodrigo” (IGR 0020); “Dona Urraca acusa o Cid de falta de lealdade” (IGR 0021); “As Ameias de Toro” (IGR 0032); “A Conquista de Alhama” (IGR 0040); “Perseguição de Búcar pelo Cid” (IGR 0045); “Abénamar” (IGR 0051); “Morte do Príncipe D. Afonso” (IGR 0069) e “Batalha de Lepanto” (IGR 0112). Antes de procedermos à sua análise, importa, no entanto, ter presente o facto de não possuímos o mesmo número de versões para todos os romances e o facto de alguns dos textos analisados serem exclusivamente versões contaminadas.

2 – Estruturas de localização presentes no *corpus*

2.1 – Estruturas de localização em romances de que possuímos múltiplas versões

No que se refere ao *subcorpus* que agora estudamos (romances épicos e históricos da tradição oral moderna portuguesa), o romance “Morte do Príncipe D. João” é aquele que nos oferece o maior número de versões para análise: 21 textos.

Nas versões modernas do romance, destaca-se o facto de encontrarmos maioritariamente advérbios de lugar (*lá, aqui, cá, ali, junto, aí*), de só ocorrer uma locução adverbial (*lá para trás*) e o facto de os advérbios *lá* e *aqui* ocorrerem com um alto nível de frequências no conjunto dos textos analisados. Examinando os contextos de ocorrência de cada forma adverbial, verificamos que, em praticamente todos os contextos, o advérbio *lá* nos surge com função de reforço da estrutura locativa preposicional, tornando, deste modo, indefinida a localização da acção: *Lá das bandas de Castela, triste nova era chegada* (3, v. 1); *D. João se achou doente, lá no centro de Espanha* (4, v. 1); *Tristes novas me vieram, lá do centro da Espanha* (5, v. 1); *Tristes novas me vieram, lá do centro da Espanha* (6, v. 1); *Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha* (7, v. 1); *Tristes novas se cantam, lá por Espanha* (10, v. 1); *Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha* (12, v. 1); *Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha* (13, v. 1); *Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha* (15, v. 1); *Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha* (16, v. 1).

Dos textos antigos⁶ do romance “Morte do Príncipe D. João,” há a salientar que apenas uma das versões possui um único advérbio de lugar (*allá*): *–Si vos vos morix de prima, él allá de madrugada* (Díaz-Mas 1994, 178-179, v. 18) e que a localização da acção no *incipit* nos é feita única e exclusivamente através de uma estrutura preposicional: *Nueva triste, nueva triste que sona por toda España* (Díaz-Mas, 175-

⁴ Todas as versões da tradição oral moderna portuguesa que analisamos encontram-se editadas em Ferré (131-91). A partir de agora, sempre que citarmos versos desses textos, utilizaremos o número árabe de referência de cada texto na obra citada.

⁵ Indicamos a catalogação proposta por Catalán (1984).

⁶ Consultámos as duas diferentes versões do romance publicadas por Díaz-Mas (175-79).

77, v. 1); *Hazino estaba el rey, hazino y echado en cama* (Díaz-Mas, 178-79, v. 1), não se verificando, portanto, o reforço da localização da acção através de um advérbio de lugar tal como a encontramos nas versões da tradição oral moderna portuguesa.

Nos nove textos modernos de que dispomos do romance “Perseguição de Búcar pelo Cid” ocorrem tanto advérbios (*lá, aí, abaixo, cá, além, ali, dentro, adiante, aqui e longe*) como locuções adverbiais de lugar (*por cima, ao longo e ao longe*), ao passo que nos textos antigos⁷ nos surgem apenas advérbios de lugar: *lexos, acá e allí*. Comparados os contextos de ocorrência das formas adverbiais nos textos da tradição oral moderna portuguesa com os dos textos antigos, constatamos que as formas adverbiais ocorrem maioritariamente com o seu valor de locativo. No entanto, o advérbio *allí*, em ambas as versões que consultámos dos textos antigos, ocorre com valor de elemento introdutório da narração: *Allí hablara el cauallo, bien oyreys lo que hablaua* (Catalán 1969, 147, v. 27 e 148, v. 28); e, nos textos modernos, o advérbio *lá* ocorre uma vez numa estrutura de duplicação adverbial com a função de reforço da localização: *Ditas que eram tais blandícias lá muito ao longe assomava* (40, v. 17).

Para o levantamento das estruturas de localização adverbial no romance “Batalha de Lepanto” contamos, também, com nove versões da tradição oral moderna portuguesa das quais uma (59) se apresenta contaminada com o romance “Nau Catrineta” (IGR 0457).

Assim, analisados os nove textos, verificamos que neles ocorrem muitos mais advérbios (*lá, ali, dentro, aqui, fora, longe, acima, além, cá, aí e debaixo*) do que locuções adverbiais de lugar (*de cima, ao longe e em riba*). Constatamos que, embora os advérbios de lugar ocorram maioritariamente com o seu valor específico de locativo, em determinados contextos o advérbio *lá* surge em estruturas de duplicação adverbial com função de reforço da localização: *porque lá longe avistara, galera da Grã-Turquia* (61, v. 9); *O gajeiro lá de cima, que em altas vozes dizia* (62, v. 34); *O gajeiro lá de cima, em altas vozes dizia* (63, v. 32); *O gajeiro lá de cima, em altas vozes dizia* (64, v. 16). E verificamos, ainda, que a única ocorrência dos advérbios *aí e debaixo*, se dá precisamente nos versos correspondentes ao romance “Nau Catrineta” da versão contaminada (59): *Também vejo três meninas debaixo de um laranjal: //(...)// – Não quero a nau Catrineta que ela aí se vai talar* (59, vv. 43 e 63).

Nas versões antigas deste romance,⁸ “Batalha de Lepanto,” que se caracterizam pela extensa descrição dos sucessos e insucessos da batalha contra os turcos e pela quase ausência de diálogo, encontramos pouquíssimos advérbios ou locuções adverbiais de lugar (*a lo bajo, atras, aquí e allí*), destacando-se o facto de todas essas formas adverbiais manterem o seu valor de locativo.

Do romance “Morte do Príncipe D. Afonso” possuímos seis textos da tradição oral moderna portuguesa nos quais encontramos os advérbios *lá, ali, cá, perto, aqui e atrás* e as locuções adverbiais *em riba e de fora*. Tal como nos romances anteriormente

⁷ Tomamos como referência duas versões do romance publicadas por Catalán (1969, 147-49).

⁸ Consultámos a versão publicada por Durán (182-84) e a publicada por Fontes (487-503) que, infelizmente, não se encontra completa.

analisados, nas versões modernas deste romance encontramos estruturas de duplicação adverbial para reforço da localização: *ali perto das águas frias, nas ribas do areial* (59, v. 19), destacando-se, ainda, a ocorrência do advérbio *cá* com a função de reforço do valor locativo de um argumento preposicional: *morreu, morreu cá em terra, num poço de água fria* (55, v. 23).

Analisado o texto antigo,⁹ constatamos que nele ocorrem apenas os advérbios *aquí* e *allí*: *Allí vino un cavallero con lloros llorar: //(...)// ¡Ay!, no son de reino estraño, de aquí son, de Portugal: // Allí estava el rey su padre que quiere desperar* (Di Stefano, 275-277, vv. 3, 5 e 9). Porém, parecem-nos de salientar, por um lado, a especificação do advérbio *aquí* com o argumento preposicional *em Portugal* e, por outro lado, a opção por uma estrutura preposicional de localização no *incipit*: *Hablando estava la reina, en su palacio real* (Di Stefano, 275-277, v. 1).

Quando comparadas com o romance velho,¹⁰ as quatro versões da tradição oral moderna portuguesa de que dispomos do romance “Penitência do Rei D. Rodrigo” revelam-se bastante fragmentárias já que nos textos modernos se manteve apenas o momento da penitência do rei. Apesar disso, nos textos modernos encontramos os advérbios *lá*, *ali* e *diante* e as locuções adverbiais *para baixo*, *para cima* e *para diante*, enquanto no romance velho encontramos apenas os advérbios *aquí* e *allí* que mantêm o seu valor locativo: *El rey fue alegre de esto por allí acabar su vida; //(...)// diole de él y de un tasajo que acaso allí echado había; //(...)// métese como Dios manda para allí acabar su vida. //(...)// El ermitaño lo esfuerza, el buen rey allí moría. // Aquí acabó el rey Rodrigo, al cielo derecho se iba* (Díaz Roig, 116-117, vv. 12, 15, 44, 57 e 58).

Do romance “As Ameias de Toro” possuímos três versões da tradição oral moderna nas quais ocorrem apenas duas estruturas de localização adverbial, *ao pé* e *lá*: *–O primeiro que atirar morrerá logo ao pé dela* (30, v. 7); *–Oh! que linda rosa branca lá no claro se passeia* (32, v. 1), ocorrendo o advérbio *lá* com a função de reforço do valor locativo do argumento preposicional.

No romance velho,¹¹ encontramos apenas o advérbio *allí*, destacando-se o facto de ocorrer tanto como elemento introdutório do hemistíquio de narração como com a função de reforço da estrutura preposicional de localização: *En las almenas de Toro allí estaba una doncella //(...)// Allí hablara el buen Cid, estas palabras dijera: //(...)// Allí hablara el buen Cid, de esta suerte respondiera* (Díaz-Mas 1994, 81-82, vv. 1, 6 e 11).

⁹ A versão consultada é a que publica Di Stefano (275-77).

¹⁰ Consultámos a versão publicada em Díaz Roig (116-17), em Di Stefano (320-22) e em Díaz-Mas (140-42).

¹¹ Consultámos a versão publicada em Díaz-Mas (81-82) e em Díaz Roig (150).

2.2 – Estruturas de localização em romances de que possuímos apenas uma versão

Dos romances “As Queixas de Ximena,” “D. Julião” e “A Conquista de Alhama” possuímos apenas uma versão da tradição oral moderna portuguesa para cada um, sendo de destacar o facto de a versão do romance “A Conquista de Alhama” ser uma versão truncada que contém somente dois versos nos quais não encontramos qualquer estrutura de localização adverbial, embora saibamos que a acção decorre nas ruas de Granada devido à ocorrência de uma estrutura locativa preposicional: *Passeaba-se el rei moro, por les rues de Granada* (33, v. 1). Também o texto antigo deste romance,¹² “A Conquista de Alhama,” se destaca por possuir um único advérbio de lugar (*allí*) com função de elemento introdutório de hemistíquio de narração: *Allí habló un moro viejo que era alguacil de Granada* (Díaz-Mas 198-200, v. 9).

Na versão do romance “D. Julião,” ocorrem unicamente os advérbios *lá* e *ali*: *D. Juliano lá em Ceita, lá em Ceita a bem fadada. //(...)// mas o traidor de D. Opas tudo ali lhe atraçoara* (24, vv. 3 e 25), verificando-se que o advérbio *lá* ocorre com a função de reforço do argumento preposicional de locativo e que *ali* mantém o seu valor de localização. Quando analisamos o romance velho,¹³ constatamos que nele não ocorrem quaisquer advérbios de lugar e que a localização da acção se faz simplesmente com o recurso à estrutura preposicional *en Ceuta*: *En Ceuta está Julián, en Ceuta la bien nombrada* (Díaz Roig 113, v. 1).

Por sua vez, a versão do romance “As Queixas de Ximena” caracteriza-se por não possuir qualquer advérbio ou locução adverbial e por não conter qualquer outra estrutura de localização, indeterminando-se, deste modo, o local em que decorre a acção. Também no romance velho¹⁴ não encontramos quaisquer advérbios de lugar ou estruturas de localização da acção.

2.3 – Estruturas de localização em romances dos quais possuímos exclusivamente versões contaminadas

Do romance “Abénamar” possuímos oito textos recolhidos na tradição oral moderna portuguesa. No entanto, e uma vez que se encontram todos contaminados com o romance “Canta, Mouro” (IGR 0438), os versos de que dispomos para análise são muito poucos.

Analisados os textos, verificamos a ocorrência quer de advérbios (*lá*, *além*, *aqui*, *perto*, *ali* e *defronte*), quer de locuções adverbiais (*lá baixo*, *ao longe* e *de longe*), salientando-se a maior frequência do advérbio *lá*. Todavia, cremos de destacar que só o advérbio *defronte* e as locuções adverbiais *ao longe* e *de longe* surgem em versos do romance “Abenámar”: *–No alto daquela serra, defronte da mouraria* (43, v. 6); *quem*

¹² Usámos a versão publicada em Díaz-Mas (198-200).

¹³ Para comparação, usámos a versão do romance velho publicada em Díaz Roig (113).

¹⁴ Consultámos a versão mais longa do romance editada por Díaz-Mas (94-96).

são aquelas torres que de ao longe relumbriam (47, v. 8); *quem são aquelas torres que de ao longe relumbriam* (48, v. 8); *–De quem são aquelas torres que de longe relumbriam* (49, v. 7). Todas as restantes estruturas adverbiais de lugar ocorrem nos versos do romance “Canta, Mouro.”

Por seu turno, nas versões do texto antigo¹⁵ encontramos somente dois advérbios: *allí* e *acá*. O advérbio *acá* ocorre em duas das versões do romance:¹⁶ *–¡Echenme acá mis lombardas, doña Sancha y doña Elvira* (Di Stefano 294, v. 17 e Díaz-Mas 192, v. 33). Em contrapartida, o advérbio *allí* ocorre nas três versões do romance sempre como elemento introdutório do hemistíquio de narração, perdendo, portanto, a sua função de locativo: *Allí habla el rey don Juan, bien oiréis lo que diría: //(...)// Allí hablara Granada, al buen rey le respondía: //(...)// Allí habla el rey don Juan, estas palabras decía* (Díaz-Mas 191-92, vv. 24, 29 e 32); *Allí habla el rey don Juan, bien oiréis lo que diría: //(...)// Allí hablara Granada, al buen rey le respondía: //(...)// Allí habla el rey don Juan, estas palabras decía* (Di Stefano 293-94, vv. 8, 13 e 16); *Allí respondiera el moro, bien oiréis lo que diría: //(...)// Allí habló el rey don Juan, bien oiréis lo que decía* (Díaz Roig, 61, vv. 5 e 19).

Ambas as versões da tradição oral moderna portuguesa do romance “As Queixas de D. Urraca” de que dispomos se encontram contaminadas. Um dos textos (2) encontra-se contaminado com o romance “Silvaninha” (IGR 0005) e o outro encontra-se contaminado com os romances “Morte do Príncipe D. João,” “Queixas de D. Urraca” e “Bordar-vos-ei um pendão” (IGR 0085).

Da análise feita aos textos, constatamos que neles ocorrem apenas os advérbios *acima*, *lá* e *aqui*: *Passeava-se D. Silvana, por um corredor acima* (2, v. 1); *Mandou fazer altas torres, a fim dele lá não ir* (2, v. 18); *e a quem lá for procurar seja a cabeça cortada. //(...)// que já lá vai D. Gaifeiros comandando nobre armada* (29, v. 20 e 41); *aqui tem um punhal de ouro, para seu brio sustentar* (2, v. 28).

No entanto, salienta-se o facto de as formas adverbiais encontradas nos textos não provirem apenas do romance histórico “As Queixas de D. Urraca”: só a forma *aqui* e uma das ocorrências da forma *lá* (Id 29, v. 20) se encontram nos versos do romance. Em contrapartida, no romance velho¹⁷ encontramos as formas *allá* com a função de reforço da estrutura preposicional de localização e *allí* com função de elemento introdutório do hemistíquio de narração: *Allí preguntara el rey: –¿Quién es essa que assí habla?; //(...)// Allá en Castilla la Vieja un rincón se me olvidava, //(...)// de allá de una torre mocha estas palabras hablava* (Di Stefano, 354-355, vv. 10, 14 e 25).

¹⁵ Consultámos a versão de Pérez de Hita publicada por Díaz Roig (61) e por Di Stefano (295-96), a versão do *Cancionero de Romances* de 1550 publicada por Díaz-Mas (189-92) e a versão do *Cancionero s.a.* publicada por Di Stefano (293-95).

¹⁶ A versão do *Cancionero de Romances* de 1550 publicada por Díaz-Mas (189-92) e a versão do *Cancionero s.a.* publicada por Di Stefano (293-95) diferem apenas no início.

¹⁷ Consultámos a versão de Di Stefano (353-55) e a de Díaz-Mas (76-78), que actualiza a grafia do texto.

No que se refere ao romance “Dona Urraca acusa o Cid de falta de lealdade,” o texto que possuímos encontra-se contaminado com os romances “Morte do Príncipe D. João,” “Queixas de D. Urraca” e “Bordar-vos-ei um pendão” e nos pouquíssimos versos de que dispomos não se verifica a ocorrência de qualquer estrutura de localização: –*D. Ramiro avante, avante com vosso cavalo e malha, // minha mãe vos deu vestidos, meu pai dá-vos sua espada // e eu vos dou esporas de outro* (30, vv. 29, 30 e 31a).

3 – Nota final

O levantamento de estruturas locativas feito acima, revela-nos que tanto nos textos antigos como nos textos da tradição oral moderna portuguesa se opta maioritariamente por estruturas preposicionais para a localização da acção. No entanto, esse levantamento mostra-nos também que, apesar disso, há diferenças entre as estruturas locativas presentes nos romances velhos e as presentes nos romances da tradição oral moderna portuguesa. Enquanto nos textos antigos encontramos a localização da acção feita quase exclusivamente através de estruturas preposicionais e o advérbio de lugar nos surge principalmente em contextos de elemento introdutório de hemistíquio de narração, nos textos modernos constatamos que as estruturas preposicionais de localização da acção nos surgem frequentemente acompanhadas de estruturas adverbiais locativas, mantendo o advérbio e as locuções adverbiais de lugar a sua função de locativo.

Da comparação feita entre os textos antigos e as versões modernas e do levantamento das ocorrências de estruturas feito, verificamos ainda que nem todos os advérbios e locuções adverbiais de lugar da língua portuguesa ocorrem com a mesma frequência nos textos, destacando-se a presença maioritária dos advérbios *lá* e *aqui*, que ocorrem 39 e 18 vezes, respectivamente, nos textos da tradição oral moderna portuguesa analisados. Por seu turno, destaca-se também que os advérbios *defronte* e *junto*¹⁸ ocorrem uma única vez no *subcorpus* que analisámos: –*No alto daquela serra, defronte da mouraria* (43, v. 6); *D. João, junto à morte, tudo se esqueceu* (15, v. 17).

Tendo em conta que na língua oral o uso de advérbios de lugar, sobretudo os advérbios *lá*, *cá*, *aqui*, *aí* ou *ali*, com a função de reforço de argumentos preposicionais de localização é bastante frequente,¹⁹ não nos surpreende que, nos textos modernos analisados, as ocorrências do advérbio *lá* se verifiquem maioritariamente junto de argumentos preposicionais e com a função de reforço do seu valor locativo.

Por seu turno, tendo em consideração que os feitos narrados nos textos aqui analisados já não possuem qualquer referente no imaginário colectivo dos informantes,

¹⁸ Cremos interessante o facto de esta ser também a única ocorrência do advérbio *junto* no *corpus* dos romances da tradição oral moderna editados entre 1828 e 1960.

¹⁹ No dia-a-dia, é frequente ouvir, mesmo a falantes com nível de escolaridade elevado, estruturas como *lá em casa*, *cá em casa*, *aqui em casa*, *aí ao lado*, *ali em casa*, etc.

não estranha que, em alguns casos, as estruturas preposicionais de localização da acção existentes nos textos antigos tenham sido substituídas por simples estruturas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais de lugar) que não só indefinem o local onde decorre a acção como cumprem a função de locativo.

Neste sentido, e tendo em conta que as versões modernas dos textos circulam oralmente, cremos que a ocorrência de estruturas linguísticas de reforço do locativo próprias da língua oral nos textos se nos apresenta como uma marca do seu processo de tradicionalização no acto de transmissão oral de geração em geração.

E, por fim, uma vez que os acontecimentos narrados nos textos já não possuem referente no imaginário colectivo do grupo social portador do património romancístico, parece-nos que a elevada frequência de estruturas adverbiais de lugar nas versões da tradição oral moderna, que permitem uma indefinição da localização da acção, funciona como um processo de actualização necessário à sobrevivência do texto.

Bibliografía citada

- Abaitúa, Joseba. "Cuestiones de léxico y aspecto: un análisis formal del participio." *Revista da SEPLN – Sociedad Española para el Procesamiento del Lenguaje Natural* 9 (1991): 37-52.
- Catalán, Diego. *Siete Siglos de Romancero (Historia y Poesía)*. Madrid: Gredos, 1969.
- . *Teoría General y Metodología del Romancero Pan-Hispánico – Catálogo General Descriptivo*. Vol. 1. Madrid: Seminario Menéndez Pidal, 1984.
- Díaz-Mas, Paloma. *Romancero*. Barcelona: Crítica, 1994.
- Díaz Roig, Mercedes. *El Romancero Viejo*. Madrid: Ediciones Cátedra 1989.
- Di Stefano, Guiseppa. *Romancero*. Madrid: Clásicos Taurus, 1993.
- Durán, Agustín. *Romancero General o Colección de Romances Castellanos*. Vol. II. Madrid: Atlas, 1945.
- Ferré, Pere. *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- Fontes, Manuel da Costa. "The Batalha de Lepanto in the portuguese oral tradition." *Hispanic Review* 47-4 (1979): 487-503.
- Webber, Ruth House. "Lenguaje tradicional: epopeya y romancero." Eds. Alan M. Gordon & Evelyn Rugg. *Actas del Sexto Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Toronto: Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Toronto, 1980. 779-82.